



a segurança e o ingovernável¹

salete oliveira e acácio augusto

abertura: pássaros livres

Gus:

“Não há lugar eterno para as coisas, mas há sempre um atravessar surpreendente, tanto do peixe que mergulha no ar quanto do homem que mergulha nas águas”.²

Acácio:

Na epiderme da terra úmida, sob os pés, tatuagens quentes de magma. Já é noite e a lua grávida fratura diante dos olhos o espaço sideral. Num átimo, entre sulcos e relevos de estrelas, o sol incandescente incendeia o meio-dia.

Gus:

“Amaldiçoam o sol todos os cansados; para eles o valor das árvores é – a sombra!”³

Salete Oliveira é doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisadora no Nu-Sol; é professora no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: peemanky@yahoo.com.br. Acácio Augusto é doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e pesquisador no Nu-Sol; é pós-doutorando no Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais da Universidade de Vila Velha. Contato: estadoalterado@yahoo.com.br.



Acácio:

“Este mundo, o mesmo de todos os (seres), nenhum deus, nenhum homem o fez, mas era, é e será um fogo sempre vivo (...).”⁴

Acácio e Gus:

“(...) todas (as coisas) o fogo sobrevivendo discernirá e em-
polgará”.⁵

Acácio:

“As biografias deveriam ordenar-se por lugares, e não por datas. Nesta rua fui assim, numa outra fui diverso. Ninguém sabe descrever uma cidade, são as cidades que nos escrevem (...).”⁶

Gus:

“A família salva muita gente de tédio, nas famílias todas as horas têm nome: hora de comer, hora de passear, hora de voltar, hora de comer outra vez. Os apartamentos (...) enchem-se de famílias e de luz aos domingos, tornam-se faróis tristes para quem anda só por andar. Nas horas vazias dos domingos fazem-se perguntas que não tem resposta e alguns [se] matam.”⁷

Acácio:

“Se eu tivesse de responder à seguinte questão: *O que é a escravidão?*, e com uma única palavra respondesse: É o assassinato, meu pensamento seria, em princípio compreendido. Eu não precisaria de um longo discurso para mostrar que o poder de suprimir do homem o pensamento, a vontade, a personalidade é um poder de vida e morte, e que fazer o homem escravo é assassiná-lo.

Gus:

Por que, então, a esta outra pergunta: *O que é a propriedade?*, não posso responder do mesmo modo: É o roubo, sem ter certeza de ser compreendido, ainda que essa segunda [resposta] só seja a primeira transformada?”⁸

**cena 1: um colibri**

Bia:

“Qual é a manifestação mais clara de miséria?”

Lili:

Crianças que morrem de fome, crianças que morrem por enfermidades fáceis de serem combatidas (...), crianças obrigadas a trabalhar, crianças violentadas pelos pais. Estas são as manifestações mais claras de nossa miséria (...) Isto e Auschwitz.”⁹

cena 2: não se abre mão da vitalidade

Gus:

“Hoje em dia é raro alguém não se dizer democrata, e não é nada difícil compreender essa conduta. Há milhares de vermes vivos que assim se declaram, mesmo porque são capazes de afirmar que o golpe civil-militar de 1964 tinha por objetivo a democracia e ela aí está. Isso é política”.¹⁰

Vitor:

“Não é por acaso que [durante a ditadura civil-militar] esta época em que mais se tortura, mais se perseguem opositores, mais se sequestra, mais se assassina, é também a época do ‘milagre brasileiro’, quando se vende a imagem da ‘ilha de tranquilidade’, de ‘progresso’, de ‘bem-estar’, de ‘euforia’, tanto interna como externamente (...)”

Bia:

Instala-se na [América do Sul] a Doutrina de Segurança Nacional (...) Toda e qualquer oposição que possa abalar a ‘segurança do Estado’ é considerada crime e, como tal, é punida (...)

Ricardo:

[No Brasil, os Esquadrões da Morte emergiram nos anos 1950] Principalmente nos anos 70 (...) [foram] utilizados



como instrumentos (...) para 'diminuir os índices de criminalidade' entre as populações marginalizadas das periferias das grandes cidades.

Bia:

[Ligaram-se] também à polícia política, fazendo parte do chamado 'sistema de segurança' (...).

Vitor:

São esses Esquadrões da Morte que [inspiraram] nos anos 80 e 90 os famosos 'Grupos de Extermínio' (...).¹¹ E, hoje, as milícias.

Gus:

Enfim, ao repor o Estado de direito esqueceram-se que "O Estado de direito é um Estado penal, senão seria Estado. Estado sem punição é vida sem Estado."¹²

Gus e Vitor:

"A polícia cidadã, armada ou não, científica e *humanitária* continua sendo a velha e podre polícia!"¹³

Gus:

Não se abre mão da vitalidade!

Gus:

"Se as grandes rupturas são sempre negociáveis, as pequenas fissuras são inegociáveis."¹⁴

cena 3: o controle em trânsito

Sofia:

Tem gente que viaja autorizado. Tem gente que é paga para viajar. Tem gente que paga para viajar. Tem gente que se desloca, e contingentes que são deslocados.

Flávia:

Tem gente que é traficada. Tem gente que tem papel. Tem gente que é sem papel. Tem refugiado: de guerra, do cli-



A segurança e o ingovernável

ma ou econômico. Tem imigrante legal e ilegal. Tem turista. Tem estudantes e experts gabaritados, buscando certificados.

Sofia e Flávia:

Controlados em trânsito.

Sofia:

Tem visto de viagem. Tem controle de aduana. Tem polícia de fronteiras, tem coioote nas fronteiras. Tem campo de concentração para imigrantes e refugiados, dependendo da chancela da ocasião. Acordos internacionais contra determinados imigrantes. Ou cotas para distribuí-los.

Flávia:

Tem gente em cima do muro. Tem gente querendo muros entre países. Gente protestando contra muros. Tem quem seja contra muro aqui, mas a favor de muro acolá. A maioria vive atrás de muros. Tem muros com concertinas e muros eletrônicos. Firewalls e muralhas.

Sofia e Flávia:

Ser “cidadão do mundo” é slogan de escolinha de inglês.

Sofia:

Tem grana de país rico pagando polícia de país pobre. Tem polícia da nação, tem polícia do planeta, tem polícia na cidade e tem polícia da vida. Polícias.

Todos:

Tem!

cena 4: campos de concentração a céu aberto

Gus:

“Vivemos sob o governo das polícias. Polícia dos costumes na casa, no prédio, nas universidades, no bairro, na favela, no beco, gueto, biboca e viela.



Lili:

Polícia dos programas de computadores, dos sites de relacionamento, dos protetores de tela e de arquivos, dos e-mails suspeitos e suspensos.

Helena:

Polícia das violações institucionais, polícia da polícia, dos desrespeitos aos direitos e das aplicações de exceções governamentais.

Ricardo:

Polícia que porta arma, mouse [, patinete motorizado], telefone celular, escutas de satélites, câmeras escondidas e conversas de coxia. [Cidadãos delatores.]

Vitor:

Polícia das ruas e polícia do planeta, que governam vidas encarceradas nos campos de concentração a céu aberto.”¹⁵

Bia:

“Não há Estado de Direito sem uma enorme produção de miséria.”¹⁶

Todos:

UPPs; CEUs; programas de segurança; controle de vulnerabilidade; difusão da cultura de paz e da qualidade de vida; regulamentos sobre desmatamentos; demarcação de terras indígenas, sem-terras e quilombolas; bolsa isso e aquilo; reforma agrária e urbana. Participação contínua de todos, monitorados.

Helena:

“A sociedade de controle atua sobre campos de concentração de pessoas, recursos naturais ou santuários ecológicos. Ela é governada do espaço sideral”.¹⁷

Vitor:

“A cidade é uma comunidade civilizada e organizada; sem a cidade as leis não têm utilidade; logo, a lei é a civilização.”¹⁸



Acácio:

A lei é a civilização.

Vitor:

É exigido melhorar as coisas para as futuras gerações. É preciso manter as assimetrias com direito a ter identidades diferentes.

cena 5: segurança planetária

Bia:

“A relação do Estado com a população se faz (...) sob a forma do que poderíamos chamar de ‘pacto de segurança’.

Ricardo:

Antigamente o Estado podia dizer: ‘Vou lhes dar um território’, ou: ‘Garanto-lhes que vão poder viver em paz nas suas fronteiras’. ‘É o pacto territorial, e a garantia das fronteiras que era a grande função do Estado (...)

Lili:

O que o Estado propõe como pacto com a população é: ‘Vocês estarão seguros’. Garantidos contra tudo o que pode ser incerteza, acidente, prejuízo, risco.

Helena:

Vocês estão doentes? Terão a seguridade social! Não têm trabalho? Terão um seguro-desemprego! (...) Há delinquentes? Vamos assegurar-lhes a sua correção, uma boa vigilância policial!

Bia:

O Estado que garante a segurança é um Estado que está obrigado a intervir em todos os casos em que a trama da vida cotidiana é rompida por um acontecimento singular, excepcional.



Lili:

(...) de repente, são necessárias essas espécies de intervenções, cujo caráter excepcional, extra legal, não deverá parecer como signo do arbitrário nem de excesso de poder, mas, ao contrário, de uma solicitude.”¹⁹

Ricardo:

Entretanto, “O *estado de segurança planetário* implica em novos arranjos institucionais e de poder que garantam a *gestão dos fluxos transterritoriais* de capital e produtos

Vitor:

e contenham e desmobilizem resistências, terrorismos, dissonâncias que atravessam e possam abalar a atual ordem política e econômica global (...)

Bia:

[Vários] Estados passaram a ser alvo de intervenções humanitárias, de missões de paz e projetos de construção de Estados à imagem e semelhança das democracias capitalistas ocidentais:

Sofia:

Haiti, Somália, Sudão, Afeganistão, Mali.

Acácio:

A segurança dos Estados e do capitalismo passou a ser articulada à segurança dos fluxos produtivos,

Ricardo:

à contenção dos fluxos transterritoriais instabilizadores, ao gerenciamento das crises humanitárias e ambientais, com suas violências,

Helena:

Misérias, (...) levas de refugiados e imigrantes ilegais.



Vitor:

A segurança dos Estados e do capitalismo amolda-se à segurança dos consórcios de Estados, como a União Europeia e das coligações de Estados em organismos (...)

Todos:

ONU, (...) Organização Mundial do Comércio, (...) União Africana, (...) Unasul.

Flávia:

A segurança dos Estados e do capitalismo não abre mão dos dispositivos diplomático-militares da segurança nacional,

Gus:

mas os redimensiona anunciando um *ambiente planetário de segurança*.²⁰

cena 6: um não à razão

Todos:

No Haiti!

Ricardo:

“Quantos filhos a senhora tem?”

Bia:

Dezesseis.

Ricardo:

Onde eles estão?

Bia:

(...) nove estão na escola.

Ricardo:

E os outros?





$\frac{31}{2017}$

Bia:

Que outros?

Ricardo:

Os outros sete filhos.

Bia:

(...) eles morreram.

Ricardo:

Senhora, nós não contamos os mortos.

Bia:

E porque não? São meus filhos. Para mim estão vivos para sempre.”²¹

Todos:

No Brasil.

Helena:

Seu filho está preso?

Lili:

Sim.

Helena:

Qual a idade?

Lili:

13...

Helena:

O que você pretende?

Lili:

Arrancá-lo daqui.

Helena:

Como?





A segurança e o ingovernável

Lili:

O que você ouviu.

Helena:

Como? O que você quer?

Lili:

Eu quero explodir essa prisão para que mais ninguém seja internado.

Helena:

Por uma questão de segurança, seu filho está agora sob a custódia do Estado e das autoridades competentes.

Lili:

“O filho é meu. Não é do Estado, do juiz, do promotor, da polícia, nem da lei! Eu tive meu filho por que eu quis! Eu não pus filho no mundo para apanhar da polícia! Ninguém toca na minha cria! Eu defendo e lambo minha cria como uma cadela! Eu sou uma cadela!”²²

cena 7: a nova gramática da segurança

Bia:

“(...) A palavra ‘security’ [quer dizer] ‘condição de estar seguro’ (...) – [designa] ‘estar livre de ameaças (...)’ –; e é aplicada, em termos políticos, à situação de um Estado.

Helena:

Já ‘safety’ [quer dizer] ‘estar a salvo’ (...) – [é utilizada] primordialmente (...) [em relação] à saúde das pessoas e a possíveis danos (...) [que possam atingi-las] (...).”²³

Ricardo:

“a emergência do conceito de *segurança humana* nos anos 1990 [foi] acompanhada da definição precisa dos chamados ‘crimes contra a Humanidade’,



Vitor:

da formação dos tribunais penais internacionais *ad hoc* (para a ex-Iugoslávia e para Ruanda) e do processo que culminou com a assinatura do Tratado de Roma, de 1998, criador do Tribunal Penal Internacional.

Flávia:

[que entrou em funcionamento em 2002]

Helena:

O conceito de *segurança humana* baseia-se (...) na atribuição aos Estados do *dever* de proteger e de assegurar os direitos humanos de seus cidadãos;

Bia:

decisão que encaminha a possibilidade de sanções internacionais, administradas pela ONU, e que, no limite, podem autorizar intervenções militares com [justificativa] humanitária (...)

Ricardo:

São 'ameaças'[:] os miseráveis em trânsito pressionando as fronteiras europeias ou a divisa entre os EUA e o México;

Vitor:

são 'perigosos' os conflitos em regiões geoestratégicas fundamentais para assegurar o fluxo de produtos e componentes

Todos:

como o Chifre da África [e os seus corsários];

Helena:

são 'turbulentas' as áreas nas quais conflitos novos e antigos [ameaçam] comprometer o fornecimento de gás ou petróleo para alimentar o capitalismo

Todos:

(...) como o Oriente Médio e o Cáucaso (...)



Vitor:

As intervenções humanitárias passam a ser justificadas em nome dos direitos humanos; regiões são, por vezes, consideradas problemáticas por abrigar grupos terroristas ou demais ilegalismos transterritoriais;

Bia:

países inteiros passam a sofrer intervenções operacionalizadas por coalizões de Estados em nome da *safety* de suas populações, da *security* de suas instituições e da estabilidade política das regiões onde se encontram

Todos:

como no Haiti.”²⁴

cena 8: sexo seguro.

Lili:

“Houve um tempo em que o Estado punia as relações entre pessoas do mesmo sexo como homossexualismo condenável moralmente. Hoje ele deve punir condutas contra o homoerotismo. Produziu-se uma inversão de sinais, revisão de conceitos. Houve *progresso* na aceitação desta conduta porque ela é produtiva e ajustou as transgressões sexuais às regulações familiares.

Flávia:

[A justiça brasileira passou a regulamentar o direito à herança para os casais homoafetivos, monogâmicos, em união estável. O Brasil é o país em que mais se assassina transgêneros no planeta.]

Bia:

Esta é a positividade do poder. A repressão é, e sempre foi, apenas uma ponta do iceberg que governa a conduta obediente e produtiva.”²⁵



Ricardo:

“Tenho um amigo no subúrbio que emprestava o apartamento aos valentões de sua cidade, os quais, nessas condições, transavam entre eles. Isso permitiu que ele abordasse a questão da homossexualidade e com que fizessem parar de perturbar os veados.

Gus:

[É mesmo? Não me diga! E] quantas vezes foi necessário que eles se enbrassem para que chegassem a esse resultado maravilhoso?”²⁶

cena 9: sexo solto

Lili:

“Os mornos anos 90 vieram aclamar o apogeu da tolerância em inúmeras dimensões da vida

Gus:

e a iminência da morte, sob o advento da AIDS, serviu mais do que nunca para uma nova tentativa de interceptação do sexo em seu aspecto mais rebelde, o prazer do descomedimento.

Bia:

(...) outorgou a todos os mucos e líquidos vitais do corpo que circulassem e explodissem hermeticamente fechados sob invólucros de látex e afins.

Gus:

O contato direto da carne foi colocado em suspeição (...)

Vitor:

O discurso médico-jurídico higienista pôde propagar aos quatro ventos as vantagens do sexo seguro,

Bia:

defendendo (...) a manutenção preferencial de um único



A segurança e o ingovernável

parceiro, não como uma consequência da escolha amorosa, mas como medida de segurança (...)

Gus:

sem excesso e descomedimento não há orgasmo (...).²⁷

cena 10: a ruína da sintaxe

Gus:

“Estão implícitos no uso das palavras (quando se passam mensagens) a instrução, o governo, a coação e, finalmente, o exército.

Lili:

Uma vez que as palavras, quando comunicam, não chegam a ter efeito algum, começa a se tornar evidente para nós que precisamos de uma sociedade na qual a comunicação não seja praticada, na qual as palavras se tornem *nonsense*,

Gus:

assim como acontece entre amantes,

Lili:

e na qual as palavras se tornem o que elas eram originalmente: árvores e estrelas e o resto do ambiente primitivo”.²⁸

cena 11: segurança na internet

Flávia:

“A chegada da internet e as mais variadas e abundantes tecnologias correlatas consolidaram uma subjetividade conveniente à liberdade liberal que requer livre circulação de palavras e condutas com segurança.

Sofia:

Das práticas dos embaralhadores de IPs e invasores de provedores vieram os programas de segurança (...) paula-



tinamente, começou-se a conformar um direito penal para regular os usos e formas de acessos.

Flávia:

(...) do cidadão comum aos políticos, principiou a suspeita relativa ao monitoramento das informações arquivadas por cada um.

Sofia:

E o que era a livre expressão democrática, nada mais é do que o constatado controle monitorado de acessos, correspondências, arquivos e desejos.

Flávia:

A comunicação eletrônica instantânea e espontânea sempre foi transparente e por sê-lo, gradualmente, compôs seu direito penal em nome da moral e da ética responsável.

Sofia:

Resta-lhes, por ora, o refúgio em Facebook e similares, em fotografar-se em trânsito e como turista, em postar instantâneos de uma contestação ou festividade, em compartilhar pelas *redes*.²⁹

Flávia:

STOP!.

Sofia:

“A vida parou
Ou foi o automóvel?”³⁰

Flávia:

“Mais uma vez *o sonho acabou*. Não o sonho libertário que não espera pelo futuro, mas o devaneio dos cidadãos que supostamente esquecem que só há direito porque devem cumprir com seus deveres.”³¹



cena 12: pastores

Todos:

“Vai, vai ser, sim.

Acácio:

Neste ano que está entrando, Jesus vai botar muito dinheiro no seu negócio, mas só se os seus investimentos foi investido no Reino do Senhor, se você colocou os seus bem ao dispor do Senhor Jesus, que nem o Jogador de Cristo e a mulher dele fez, porque eles casou virgens e sempre investiu no Reino do Senhor Deus todos os seus bens.

Todos:

(...) Vai, vai ser, sim.

Lili:

Mas você também tem que fazer a sua parte e fazer xixi no ralo do chuveiro, na hora que estiver tomando banho, que é para não desperdiçar água puxando a descarga da privada, e assim preservar o meio ambiente que está em suas mãos, que também não é para ficar tomando banho demais, não, gastando água do meio ambiente que tem que ser preservado pros nossos filhos e netos. Se cada um fizer sua parte o meio ambiente vai ser bom.

Todos:

(...) Vai, vai ser, sim

Acácio:

um futuro maravilhoso para o Brasil e para você, que mesmo nos momentos difíceis jamais deixou de acreditar, nunca desistiu de alcançar seus objetivos. (...) Consuma produto nacional, vamos bater os pés, vamos bater as mãos.

Todos:

(...) Vai, vai ser, sim



Lili:

e também a nível internacional. Basta que todos juntos de mãos dadas, unidos num só ideal, façamos a nossa parte, e assim, possamos construir um mundo melhor para nossos filhos e netos no futuro.”³²

Lili:

“O jeito mais simples de fazer a vontade de Deus é não fazendo a sua.”³³

cena 13: empoderadas

Sofia:

“Fundamentados em práticas empresariais concretas, os Princípios [de empoderamento das mulheres, definidos pela ONU Mulheres,] ajudam as empresas a adaptar as políticas e práticas existentes — ou a estabelecer outras novas e necessárias — para concretizar o empoderamento das mulheres. [Igualdade significa negócios.]

Flávia:

Empoderamento significa que as pessoas —

Sofia:

tanto mulheres como homens

Flávia:

podem assumir o controle das suas vidas: definir os seus objetivos, adquirir habilidades (ou ver as suas habilidades e conhecimentos reconhecidos), aumentar a autoconfiança, resolver problemas e desenvolver a sua independência

Sofia:

[E eu acrescentaria autonomia].

Flávia:

É, simultaneamente, um processo e um resultado”³⁴.



Sofia:

“Hoje, o empoderamento das mulheres, também modulando negros, lgbs, crianças e jovens, deficientes, pobres, gordos..., é tratado como questão impreterível.

Flávia:

É um negócio.

Sofia:

Redunda em uma profusão de acordos que visa ampliar a inclusão, apaziguar desigualdades e conter possíveis resistências em função de aperfeiçoamentos institucionais.

Flávia:

Atualmente, empresas, instituições, ONGs e movimentos sociais buscam promover as minorias conectando-as ao empreendimento desses indivíduos no mercado.

Sofia:

Assim, o empoderamento se consolida também por exemplos-exceções que vão de indivíduos minoritários que ocupam cargos estatais e empresariais de chefia até celebridades politicamente corretas da música, do cinema, dos esportes.

Flávia

(...) Diante de tanto poder, resta pouca paixão e constata-se que os questionamentos de certos anarquistas seguem vivos e aos vivos. (...) O Poder não vale a vida!

Sofia:

Basta trocar uma letra de lugar para ele, enfim, assumir a veracidade de suas relações: Podre.”³⁵

Todos:

Podre.



cena 14: resilientes empreendedores de si.

Vitor:

“Não existe diferença de fundo entre dizer que alguém está em perigo e que alguém é perigoso.”³⁶

Bia:

O resiliente não resiste, não transforma, não luta. O resiliente adapta-se ao ambiente e capitaliza vulnerabilidades, como vítima e algoz que é. Resiliência não é sinônimo de resistência.

Helena:

É gente se transformando em capital humano com protagonismo social.

cena 15: escola democrática

Ricardo:

“[Educa-se] para governar e ser governado”³⁷, já dizia o filósofo John Locke, no século XVII: é preciso escola para futuros governantes e para os eternos governados.

Helena:

“A escola democrática procura encontrar a tomada de decisão compartilhada entre os estudantes e professores;

Vitor:

realizar uma abordagem centrada no aluno, em que estes escolhem suas atividades diárias;

Bia:

viabilizar a igualdade entre os funcionários e os estudantes;

Gus:

e tratar a comunidade como uma extensão da sala de aula”³⁸.

Lili:

“[Ensina-se] a responder a comandos; (...)



Helena:

Sobre os corpos destes alunos não recairão os castigos físicos, mas os efeitos das técnicas de absorção do medo;

Lili:

em lugar do desacato e da rebeldia, a comprovação dos efeitos positivos da prevenção geral à sociedade: é seguindo regras e leis que se faz um bom cidadão³⁹.

Vitor:

“A sociedade de controle, do governo da escola ao governo do Estado, modula as instituições em função da extração de energias de cada corpo, de cada inteligência, até levar à condição de stress e a de medicalização, desde o frágil corpo moldado da criança até o restaurado esqueleto ressecado [dos velhos].

Lili:

A sociedade de controle exige respostas rápidas, joviais e concisas a quem aspira uma ininterrupta participação⁴⁰.

Ricardo:

Forma-se o bom cidadão

Bia:

Mas bom cidadão para quem?

Helena:

Hoje, a escola está além e aquém dos muros. A educação é constante, continuada. A educação é para todos.

Lili:

A escola é depósito desinteressante para jovens.

Gus:

A escola é para capacitar, para profissionalizar, para parar de contestar, para inserir, para incluir. Ela nunca para.



Todos:

Essa é a pobre escola para todos. É, é assim! É?

cena 16: nas águas e terras das Amazonas

Vitor:

Numa manhã de fevereiro de 1500,

Helena:

quatro caravelas comandadas pelo espanhol Vicente Yáñez Pinzón alcançaram águas de diferente cor e fluidez. Lançaram uma tina e dela provaram. Era doce.

Lili:

Água doce numa imensidão. Doce como água de rio. Vasta como água de mar.

Vitor:

Diziam que ali, em terras banhadas pelo Mar Dulce, viviam mulheres-guerreiras, em repúblicas sem homens. Guerreiras como as amazonas da antiga Grécia!

Helena:

Uma dessas ‘cacicas’ era Orocomay. Ela “só se servia de mulheres”, e no seu povoado não “viviam homens, senão os que ela mandava chamar para que trabalhassem em algo ou para que fossem à guerra”.

Ricardo:

As amazonas selvagens recebiam “rapazes quatro meses por ano. (...) [que] ficavam casados com elas apenas por esse tempo (...) dedicando-se a lhes servir e a satisfazer o que elas ordenavam. (...) À noite, elas lhes davam seus corpos e camas.

Vitor:

(...) Passado esse tempo, os homens iam embora, deixando [as amazonas] prenhes. Se nascessem meninos, elas lhes



A segurança e o ingovernável

mandavam para viver com os pais. Se nascessem meninas, ficavam com elas para aumentar a república”.

Helena:

Quando os espanhóis quiseram ocupar suas terras, um dos conquistadores chamado Cristóbal de Oñate requereu aos seus superiores a

Gus:

“mercê daquela missão de pacificação das amazônas”⁴¹.

Helena:

Foi autorizado, mas ferido gravemente por indígenas bravios, não pôde passar.

Lili:

Assim contou a primeira das crônicas da conquista europeia nas Américas. Entre a fantasia, o pecado, o gozo e a violência os colonizadores descreviam e justificavam a sujeição de povos exóticos. Os indígenas arredios, negando a fé e as correntes, foram sujeitados ou eliminados. A isso os europeus chamaram de pacificação.⁴²

cena 17: Amazônia monitorada e a pacificação

Ricardo:

Da chegada dos conquistadores pelas águas ao rastreamento i-nin-ter-rup-to pelo ar.

Lili:

Cof, cof, cof

Helena:

Séculos depois no meio do planalto central do Brasil...

Lili:

Brasiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!



Helena:

Numa tarde ensolarada, do final do século XX, o presidente do Brasil...

Lili:

Um príncipe!

Helena:

(Hunf!) convoca o Conselho de Defesa para discutir o Sistema de Vigilância da Amazônia, SIVAM.

Gus:

Escolhi como local para esta reunião a sombra de uma árvore, na Granja do Torto, para enfatizar o clima pacífico do Brasil.⁴³

Lili:

Paciiiiífico!!!!!!

Bia:

Em 2002, dez anos após a ECO-92, o SIVAM entrou em operação como parte do Sistema de Proteção da Amazônia, SÍPAM. O SIVAM é uma rede integrada de computadores, drones, radares móveis, satélites e aviões-radar para o monitoramento da Amazônia brasileira.

Lili:

No ar: o ar.

Helena:

O Brasil é o pulmão do planeta!

Lili:

Brasiiiiiiiiiiii! Cof, cof, cof!

Ricardo:

Controle ininterrupto do solo, rios, leitos de rios e subsolo amazônicos, tanto para fins militares, quanto civis.



Gus:

O SIVAM é um programa de controle. Da superfície, do subsolo, das pessoas, das fronteiras atravessadas por fluxos e ilegalismos. O SIVAM é um programa de segurança...

Bia:

[articulado] ao novo SISFRON – Sistema Integrado de Monitoramento das Fronteiras do exército – para vasculhar imensidões territoriais reivindicadas pela soberania estatal.⁴⁴

Lili:

Espiando.

Helena:

Gravando.

Lili:

Assistindo.

Helena:

Você!

Gus:

O SIVAM provém de um dos desdobramentos do programa de proteção da amazônia da ditadura civil-militar. Um dos baixos começos histórico-políticos da colocação em marcha do SIVAM na democracia encontra-se na chacina consorciada e perpetrada, em 1993, pelo Estado, militares, diplomatas, fazendeiros, empresários, mineradoras, matadores e garimpeiros contratados, contra o povo yanomami com mulheres e crianças degoladas e estripadas.

Lili:

O SIVAM, também, se mostra como a mais nova tradução de Pacificação.



cena 18: 1917

Acácio:

Depois que termina cada um conta sua história a seu modo.

Bia:

É difícil para muita gente compreender que num acontecimento muitas forças se aglutinam; que há um monte de coisas a todo o momento, e que não é nada fácil levar adiante.

Gus:

Mesmo porque, o que se conta depois é o resultado favorável aos patrões e sempre nossos defeitos e intransigências.

Lili:

É que na greve geral são poucos os que compreendem a preparação da revolução social; muitos se contentam com as reformas e acreditam que a greve geral é para reformas imediatas (e, às vezes, contra as reformas de governo).

Ricardo:

Na greve geral de 1917, em São Paulo, os jornalistas diziam “governar é prevenir”. Naquela ocasião, eles compuseram o grupo de mediadores entre patrões e grevistas.

Vitor:

A greve de 1917 ficou na história, mas não esqueçam das greves de 1907 e 1912 que a anunciaram.

Sofia:

Os anarco-comunistas e anarcossindicalistas concordavam com a greve geral, apesar dos anarco-comunistas desconfiarem sempre dos anarcossindicalistas considerando-os reformistas. A aproximação definitiva dos dois grupos foi expressa nos jornais *La Bataglia* (dos anarco-comunistas) e *O amigo do povo* (dos anarcossindicalistas), e foi pelos companheiros do *La Guerra Sociale*, em outubro de 1916, que se formou a Aliança Anarquista.



Helena:

E trouxeram os socialistas.

Flávia:

As relações de trabalho eram de exploração intensa, baixos salários, desemprego, ocupação das crianças e mulheres no trabalho noturno, uma carestia interminável e a gente sendo preso pela polícia.

Sofia:

Os anarquistas sempre foram o alvo. Quando a American Federation of Labor, em seu congresso de 1884 decidiu pela greve geral e a levou adiante em 1º maio de 1886, pela jornada de oito horas, o resultado, para nós, foi a execução de quatro anarquistas, em 1887, no episódio que ficou conhecido como Haymarket em Chicago.

Lili:

Aqui não foi diferente. Quando, no dia 10 de julho de 1917, ocorreu o conflito na porta da fábrica Mariângela, o sapateiro espanhol José Iñagnez Martinez de 21 anos foi morto, não deu mais pra aguentar.

Flávia:

O Comitê de Defesa Proletária (CDP), formado no dia anterior, decidiu iniciar a greve durante o cortejo do funeral que foi da Rua Caetano Pinto, no Brás, até o Cemitério do Araçá, e agrupou mais de 10 mil.

Bia:

Um comitê de mulheres parou diante da Repartição Central da Polícia exigindo a libertação de Antônio Nalipinski preso na véspera. A polícia teve de prometer que depois do enterro libertaria Nalipinski. E cumpriu.

Helena:

Era um tanto de oradores se pronunciando a cada momento parando o funeral.



Sofia:

Lembrava-se da condição de exploração, das paralisações dos têxteis em maio, da quebra da carroça de bebidas da Antártica, da presença da polícia defendendo os patrões e o governo, que polícia e soldado é filho de proletário, da presença ativa de mulheres e crianças, da solidariedade necessária, de que fechar acordos com patrões era necessário, mas não solução, e que a greve não podia parar. Mesmo porque, os patrões dispostos a negociar não eram mais do que 5%.

Ricardo:

Em 11 de julho, já eram 20 mil grevistas e 54 fábricas paralisadas.

Flávia:

Balas perdidas durante os dias de greve atingiram operários, crianças

Todos:

— não há bala perdida! —

Flávia:

e a polícia teve a cara de pau de publicar o laudo de autópsia de Martinez declarando que a bala que o matou era de um companheiro seu.

Acácio:

Os confrontos de rua aumentaram. Os grevistas usaram cortiças e roletes para derrubar a cavalaria. Adesões vieram de todos os lugares. O Congresso Nacional, sempre adormecido, despertou assustado.

Vitor:

Os jornalistas se apresentaram como mediadores e o CDP tentou conversar. Levaram propostas para o comício, que ocorreu no Prado da Mooca, em 13 de julho, com 3 mil pessoas; e as conversas duraram até 15 de julho, com de-



A segurança e o ingovernável

cisões para libertarem presos grevistas, acerto com representantes do governo para controle de preços e fiscalização dos produtos, regulamento do trabalho e fim do trabalho noturno para mulheres e crianças.

Gus:

Em 16 de Julho a greve geral chegou ao fim.

Ricardo:

Viriam outras. Viria a perseguição ainda mais violenta contra anarquistas, viria até a Revolução Russa em Outubro!

Lili:

E nela também havia muitos anarquistas que foram esquecidos daquela história oficial.

Flávia:

É sempre a história do Estado! É a história das reformas, às vezes com título de revolução.

Sofia:

Se a greve geral é acontecimento da revolução social, só a continuidade de práticas radicais a consolida.

Acácio:

É preciso estar atento, porque somos sempre os criminosos.⁴⁵

cena 19: abolicionismo penal

Gus:

“O abolicionismo penal (...) não aceita o confortável confinamento numa utopia, como pretendem seus oponentes.”⁴⁶

Acácio:

O crime é sempre político.



Gus:

“é possível pensar em não internar?”

Acácio:

Algumas vezes, quando discuto esse assunto, certas pessoas dizem: ‘ah, é fácil dizer isso’. Não é. Se fosse, o ambiente estaria repleto de pessoas defendendo o fim da internação, a abolição da pena já teria ocorrido e teríamos dado um fim às prisões.

Gus:

Não é fácil não, é difícil pra caramba! Porque a grande parte não quer acabar com a internação e muito menos com as punições: a cultura da obediência pelo castigo.

Acácio:

A maioria quer se ver rapidamente livre do problema internando, prendendo, batendo (...).

Gus:

Seria estupidez pensar que um abolicionista penal é quem vai pedir a chave para abrir a porta da cadeia.

Acácio:

Mas seguramente ele é quem trancará a fechadura para não internar mais, para não prender mais.

Gus:

(...) castigar em nossa cultura é a melhor maneira de educar? E por que isso se naturalizou em nossas relações e se confirmou como normal?

Acácio:

Pediria a cada um que tentasse lembrar, rapidamente, e em silêncio, qual foi a sua boa lembrança do castigo?

Gus:

Não houve e nunca haverá coisa mais humilhante do que um castigo, porque ele suprime a sinceridade e fomenta a



mentira; expõe o reverso da moral que se pretende boa e fundada no bem. O castigo está no princípio da humilhação. (...) O castigo arruína, simultaneamente, seu interior e seu físico. Ninguém consegue apenas arruinar o interior de uma pessoa só com palavras.

Acácio:

Penso que somente se deve falar, resistir de modo ativo contra o castigo, quando você abolir o castigo em si próprio: se você abrir mão desse poder incomensurável de castigar os mais fracos; de castigar seu filho que você tem como propriedade privada garantida pelo código, pela justiça.

Gus:

Se você não é nada no capitalismo, resta-lhe ser proprietário do seu filho, sobre o qual exerce o *pátrio potestas*, seu poder soberano. A cultura do castigo proporciona essa dimensão moderna e transforma o filho em propriedade privada e você em seu dono.

Gus:

O que está pegando hoje em dia, enfim, é a “justiça restaurativa”. É o novo momento!

Acácio:

Na sociedade de controle, gradativamente, certas instituições totais ou autoritárias foram sendo abertas. Em lugar do manicômio, começou a aparecer o hospital-dia. Junto com a prisão, apareceram as liberdades assistidas, as penas alternativas, o serviço à comunidade e, para os abastados, as penas pecuniárias [ou tornozeleiras eletrônicas].

Gus:

O antigo sistema de controle e de internação da sociedade disciplinar não foi substituído, mas se metamorfoseou em outra maneira de institucionalizar [a perseguição ao] desvio. (...) A sociedade de controle exige que nos ocupemos o tempo todo, convocados a participar, e isso nos distancia



(...) da resistência enquanto uma possível sublevação, insurreição, pela difusão de valores democráticos.

Acácio:

A justiça restaurativa [exige que alguém se apresente como vítima e espera que outro alguém se reconheça como culpado,] traz a chamada comunidade para o interior do julgamento, leva o tribunal para fora e o amplia; faz com que cada pessoa da “comunidade”, da periferia, da favela, [da universidade, da escola, da empresa, do movimento] produza punições e aplique penas compondo os variados *conselhos*.

Gus:

Chegamos a este espaço dentro das cidades (...) transformado em *campos de concentração a céu aberto*.⁴⁷

cena 20: fogo anarquista

Vitor:

“Há uma enorme diferença entre se posicionar como apolítico e antipolítico; assim como há diferenças entre ser apartidário e anti-partidário.

Gus:

A política é o fim; a política é *um* fim. Reino das negociações, dos acordos, da sistematização da violência e efetivação da dominação como condução das condutas.

Helena:

Ignorar a política é entregar-se à condução; não combatê-la é aceitar passivamente o governo (...).

Bia:

Lutar contra os partidos e a lógica das representações é recusar todo léxico reivindicativo, recusar toda lamúria dos que se sentem enganados e abandonados pelas autoridades e seus representantes.”⁴⁸



Acácio:

Antipolítica é uma atitude libertária, que diz respeito à história da anarquia como componente da sua cultura enquanto ação direta que recusa mediações e representações.

Ricardo:

Não se confunde com o ideal de gestão do não-político que alguns propositalmente apontam como antipolítica.

Vitor:

Esquerda e direita se definem por referência ao Estado, vivem da disputa por ele. O que se diz apolítico é aquele que se entrega à condução de uma ou de outra. A política é uma tecnologia de poder que governa as condutas. A antipolítica rompe com essa disputa e afirma a vida outra, apartada do Estado e das conduções dos pastores laicos ou divinos.

Helena:

“Quem pede saúde, educação, transporte com o adjetivo de público, confunde o público com estatal, quer Estado.

Bia:

(...) Quem carrega uma bandeira do Brasil, levanta mais de 500 anos de mortes, massacres, etnocídios e genocídios (...).

Lili:

Cada um que conhece a história (...)

Gus:

[Não esquece na] democracia recente[:] (...) o Massacre do Carandiru,

Lili:

Massacre da Candelária,

Bia:

Eldorado dos Carajás,





31
2017

Lili:

os meninos e meninas violentados nos lares das classes altas e baixas,

Acácio:

os castigos e controles escolares,

Gus:

os sistematicamente torturados em batidas, vielas, ruas, [campos e canaviais,]

Ricardo:

favelas e delegacias,

Lili:

FEBEM e Fundação Casa,

Bia:

Todos os decapitados pelas empresas do regime dos ilegalismos nas prisões e em todo território nacional

Acácio:

as execuções de maio de 2006,

Bia:

Pinheirinho,

Helena:

Cracolândia [, Maranhão, Amazonas, Rio Grande do Norte]

Lili:

e mais um monte de etc. (...)

Todos:

Etc., etc., etc., etc.





A segurança e o ingovernável

Gus:

Ainda assim (...) [insiste-se] em chamar os (...) radicais de vândalos, desordeiros, anarquistas e irresponsáveis.

Vitor:

Vândalos? Talvez. Este nome designa saqueadores que apavoravam o poderoso Império Romano. Os que assim são chamados entre os atuais manifestantes de rua atacam:

Todos:

vitruines de agências bancárias:

Bia:

um [quase nada] diante da violência e do roubo que os bancos praticam cotidianamente; o que é um vidro quebrado, diante do que é um banco?;

Todos:

postos policiais (...) prédios da prefeitura e assembleias;

Lili:

ora, o Estado e suas instituições, por definição, são a concretização do monopólio da violência [e da propriedade] (...)

Vitor:

(...) Anarquistas? Alguns [o] são declaradamente (...)

Lili:

[as jornadas de junho de 2013] deixam claro que a propriedade e o Estado são os que detonam a violência e a desordem. A lei é criadora do crime.

Todos:

A propriedade, o princípio do roubo (...)

Lili:

[fundamenta a polícia]



Gus:

Se a maioria dos manifestantes fosse mesmo anarquista, a violência estaria com os dias contados. Acontece que a maioria clama por moralidade, vingança (...). Essa violência, somada ao clamor por ordem e pelo Estado, pode tomar outras proporções.

Todos:

[Fascismo!]

Acácio:

É preciso ampliar a revolta!

Gus e Lili:

Revolta é impulso de vida. (...)

Bia:

Provocar o ingovernável.

Helena:

O governo produz disputas e guerras.

Gus:

O trabalho, a paixão, o prazer, o tesão de cada um, busca, em associação, produzir vida, inventar liberdades, resistir aos poderes.

Lili:

Não busca a segurança, mas o perigo como potência, reconhecendo a finitude da vida e sua beleza.⁹⁴⁹

Vitor:

O governo dos homens pelos homens (homens e mulheres) supõe racionalidade e não violência instrumental. Os que resistem, se revoltam contra uma forma de poder e não se contentam em denunciar violências ou criticar uma das instituições.



Gus:

Hoje há uma novidade.

Helena:

Qual?

Gus:

Não há só pastores divinos e laicos. Entre os laicos há também os pastores ativistas e os da retórica revolucionária.

Helena:

Você quer dizer que esses grupos deveriam compor uma aliança como na greve de 1917?

Flávia:

Não. Os grevistas de 17 simplesmente não tinham pastores. Hoje esses novos pastores compõem a boa união estável entre os dispersos nas ruas com seus equipamentos eletrônicos e os estáveis intelectuais acadêmicos.

Sofia:

Como assim?

Bia:

Pense!

Flávia:

Pense!

Acácio:

“A vida como batalha diária que não busca o extermínio, mas o exercício de sua potência como revolução permanente, em combate ao poder onde ele estiver, seja em qual forma se apresente.

Lili:

Nesse momento é preciso estar atento às formas de nossa liberdade, não esquecer que no século XX a maioria sempre esteve ao lado dos tiranos e dos dominadores; que o



nacionalismo ampliou e regrou o racismo de Estado; que ditaduras foram instituídas para ‘salvar’ as democracias.

Acácio:

A liberdade não é um valor, é uma prática! (...)

Gus:

Violento é o Estado; arruaceiro é o governo e seus agentes oficiais e extra-oficiais”⁵⁰.

Todos:

“(...) todas (as coisas) o fogo sobrevivendo discernirá e empolgará.”⁵¹

Lili:

Com fogo, dispenso-me das redes de segurança.

crianças

Lili:

“O tempo da criança é longo e os espaços para elas são imensidões. As crianças dançam, brincam e guerreiam.

Vitor:

Pouco importa o dia e a noite, o claro e o escuro, veracidade e sonho; para elas são experimentações da vida com calor e frio.

Bia:

Então, quando cada um desses momentos estiver habitado de significados, fantasmas, determinações, ela passará a ter ideias-fixas, começará a ser educada para a boa e bela vida. Desmorona sua liberdade!

Sofia:

A liberdade das crianças não está em uma educação para uma nova moral, mas em mantê-las livres dos verdadeiros



A segurança e o ingovernável

juízos dos adultos, da real consciência, do esclarecimento e dos fantasmas.

Flávia:

Nas crianças, a luminosidade no dia e na noite, no claro e no escuro, aos poucos, torna-se escuridão no dia e na noite, no claro e no escuro.

Helena:

Aí então, na modorra ou na astúcia, queimam ao sol ou vagam presas aos ventos da noite. Poderão ser biblioclastas, soldados, membros do rebanho, bons funcionários, exper-tos cientistas, espertinhos do momento. Não serão mais crianças.

Ricardo:

E, talvez, tempos depois e bem maduros, descobrirão como surrupiaram as suas vidas e as de seus filhos; passarão a ser tolos avós formando seus netos livres como pequenos tiranos.

Acácio:

Depois de tanta morte anunciada, vivemos a era das capturas. Um dia também a sociedade morrerá. E esta história ficará conhecida como aquela que os anarquistas não temeram enfrentar com suas associações e federalismo des-centralizado.

Gus:

Anarquizar não é uma conduta, é uma atitude!"⁵²

FIM



Notas

¹ Aula-teatro 21 do Nu-Sol, escrita a partir da Aula-teatro 14 do Nu-Sol *anti-segurança* (publicada em **verve**, n. 14, 2013), e da Aula-teatro 16 do Nu-Sol *a céu aberto. controles, direitos, seguranças, penalizações e liberdades* (publicada em **verve**, n. 26, 2014). Pesquisa: Nu-Sol. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Helena Wilke, Ricardo Abussafy, Sofia Osório e Vitor Osório. Produção gráfica: Andre Degenszjain. Operadora de luz: Luíza Uehara. Cenário: Fernando Passetti. Ambientação: Edson Passetti.

² Edson Passetti. *Ética dos amigos: invenções libertárias da vida*. São Paulo, Imaginário/CAPEs, 2003, p. 21.

³ Friedrich Nietzsche. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 39.

⁴ Heráclito. “Fragmento 30” in *Os pré-socráticos*. Tradução de José Cavalcanti de Souza. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1999, p. 90.

⁵ Heráclito. “Fragmento 66” in *Idem*, p. 94.

⁶ Nuno Camarneiro. *No meu peito não cabem pássaros*. Rio de Janeiro, Leya, 2012, p. 29.

⁷ *Idem*, p. 31.

⁸ Pierre-Joseph Proudhon. “A propriedade é um roubo” (*Qu'est-ce que la propriété?*) in Paulo Edgar de Almeida Resende e Edson Passetti (Orgs.). *Proudhon*. Tradução de Célia Gambini. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Editora Ática, 1986, p.32.

⁹ Roberto Bolaño. *Bolaño por si mesmo*. Selección de Andrés Braithwaite. Santiago, Universidade Diego Portalez, 2011, pp. 47-48

¹⁰ Edson Passetti. “Entrevista para o CRP-RS” in *entrelinhas: psicologia, direitos humanos e ética*. Rio Grande do Sul, CRP-RS, n. 61, 2013, pp. 18-19.

¹¹ Cecília Coimbra. *Guardiães da Ordem*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1995, pp. 19-22.

¹² Edson Passetti. “Entrevista para o CRP-RS” in *entrelinhas: psicologia, direitos humanos e ética*. Rio Grande do Sul, CRP-RS, n. 61, 2013, p. 19.



A segurança e o ingovernável

¹³ Edson Passetti. “Polícia e Cidadania” in *vervedobras*. São Paulo, Nu-Sol, n. 19, 2011, pp. 249-254. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/verve19-dobras.pdf> (acesso em: 16/10/2014).

¹⁴ Edson Passetti. “Arte e resistências: ensaios entre amigos” in *Anarquismo urgente*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2007, p. 26.

¹⁵ Acácio Augusto. *Política e polícia. Cuidados, controles e penalizações de jovens*. Rio de Janeiro, Lamparina, 2013, p. 35.

¹⁶ Nu-Sol. *Notas do cotidiano nos campos de concentração a céu aberto (hypomnemata 112)*. São Paulo, agosto de 2009. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=136> (acesso em: 18/09/2014).

¹⁷ Edson Passetti. “Neoliberalismo: democracia começa no mercado”. *Entrevista*. 2006. Disponível em: http://www.polichinello2004.blogspot.com.br/2006_04_01_archive.html (acesso em: 15/09/2014).

¹⁸ Diôgenes Laértios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mario da Gama Cury. Brasília, Universidade de Brasília, 1988, p. 170.

¹⁹ Michel Foucault. “Michel Foucault: a segurança e o Estado” in Manoel Barros da Motta (Org.). *Ditos e escritos VI – Repensar a política*. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010, pp. 172-173.

²⁰ Thiago Rodrigues. Texto ampliado (2013) a partir do original (2012) apresentado no documentário *ecopolítica: segurança*, segundo da série produzida pelo Nu-Sol no interior do Projeto Temático *Ecopolítica: governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle*.

²¹ Dany Laferrière. *País sem chapéu*. Tradução de Heloisa Moreira. São Paulo, Ed. 34, 2011, pp. 79-82.

²² Mulher anônima com seu filho preso na FEBEM-SP. Depoimento gravado pelo Nu-Sol durante o projeto Prodoc-CAPES *Políticas libertadoras, tolerância e experimentação de liberdade, consolidando abordagens de pesquisa em ciências sociais*. Nu-Sol/PEPG, 2003-2006.

²³ Thiago Rodrigues. “Segurança planetária, entre o climático e o humano” in *Ecopolítica*. São Paulo, Nu-Sol, n. 3, mai-ago 2012, pp. 5-41. Disponível em:



<http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/11385> (acesso em: 03/10/2014).

²⁴ Idem.

²⁵ Edson Passetti. “Entrevista para o CRP-RJ” in *entrelinhas: psicologia, direitos humanos e ética*. Rio de Janeiro, CRP, janeiro-março, 2013, p. 20.

²⁶ Michel Foucault. “O saber gay” in *Ecopolítica*. São Paulo, Nu-Sol, n. 11, jan-abr 2015, p. 20. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/23545/16906> (acesso em: 07/05/2015).

²⁷ Salete Oliveira. “Quem tem pinto saco cu buceta quer amor” in *Libertárias* (Sexo e Anarquia). São Paulo, Coletivo Libertárias, n. 3, 1998, pp. 5-6.

²⁸ John Cage. “O futuro da música” in Glória Ferreira e Cecília Cotrim (Orgs.). *Escritos de artistas: anos 60/70*. Tradução de Pedro Süsskind et al. 2ª edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009, p. 341.

²⁹ Nu-Sol. *Espionagens e monitoramentos: democracia capitalista em fluxos (hypomnemata 158)*. São Paulo, julho de 2013. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=189> (acesso em: 08/07/2014).

³⁰ Carlos Drummond de Andrade. “Cota Zero” in *Alguma poesia*. Belo Horizonte, Edições Pindorama, 1930.

³¹ Nu-Sol. *Espionagens e monitoramentos: democracia capitalista em fluxos (hypomnemata 158)*. São Paulo, julho de 2013. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=189> (acesso em: 08/07/2014).

³² André Sant’anna. “O futuro vai ser bom” in *O Brasil é bom*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, pp. 14-16.

³³ Folha de S. Paulo. “Jovens virgens viram tema de filme evangélico” in *Cotidiano*. São Paulo, 17/08/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/08/1501497-jovens-vingens-viram-tema-de-filme-evangelico.shtml> (acesso em: 08/09/2014).

³⁴ ONU Mulheres. *Princípios de Empoderamento das Mulheres: igualdade significa negócios*. ONU, 2011. Disponível em: <http://www.unwomen.org/~media/Headquarters/Attachments/Sections/Library/Publications/2011/10/WEPs-Portuguese%20pdf.pdf> (acesso em: 08/06/2011).



A segurança e o ingovernável

³⁵ Nu-Sol. “O/A/X/ES: empoderar” in *Observatório Ecopolítica*. São Paulo, n. 12, jun de 2016. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecopolitica/observatorio-ecopolitica/n12.html> (acesso em: 09/10/2016).

³⁶ Michel Foucault. “Foucault: não aos compromissos” in Manoel Barros da Motta (Org.). *Ditos e Escritos IX – Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014, p. 174.

³⁷ Edson Passetti & Acácio Augusto. *Anarquismo e educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008, p. 79.

³⁸ Idem, p. 79.

³⁹ Ibidem, p. 79.

⁴⁰ Ibidem, p. 79.

⁴¹ Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés. *Historia general y natural de las Índias*. Valladolid, 1557, pp. 220-221.

⁴² Cena adaptada Cf. Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés. *Historia general y natural de las Índias*. Valladolid, 1557, pp. 220-221.

⁴³ Cf. Fernando Henrique Cardoso. *Diários da presidência 1995-1996 (Vol I)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

⁴⁴ Cena adaptada Cf. Sivam. *Cindacta IV*. Força Aérea Brasileira, 2006. Disponível em: <http://freepages.military.rootsweb.ancestry.com/~otranto/fab/sivam.htm> (acesso em 19/07/2014).

⁴⁵ Cf. Christina Roquette Lopreato. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo, Anablume/Fapesp, 1996; Christina Hebling Campos. *O sonhar libertário*. Campinas, Pontes/Editora da Unicamp, 1988; Yara Aun Khoury. *As greves de 1917 em São Paulo*. São Paulo, Cortez Editora/Autores Associados, 1981; Edgard Leuenroth, nesse número.

⁴⁶ Edson Passetti. “Ensaio sobre um abolicionismo penal” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 9, 2006, pp. 83-114.

⁴⁷ Edson Passetti. “Conversação sobre o abolicionismo penal e o teatro do direito” in Gustavo Noronha de Ávila (Org.). *Fraturnas do sistema penal*. Porto Alegre, Sulina, 2013, pp. 9-29. (Transcrição revista de conversação “Interrompendo internações”, ocorrida na Vara da Infância e da Juventude de São Paulo, em 28 de março de 2008).





⁴⁸ Nu-Sol. *Em movimento (hypomnemata 157)*. São Paulo, junho de 2013. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=188> (acesso em: 08/08/2013).

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Heráclito. “Fragmento 66” in 1999, op. cit., p. 94.

⁵² Edson Passetti. “Fluxos libertários e segurança” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 20, 2011, pp. 53-54; 61-67.

***Security and the Ungovernable*, Salete Oliveira e Acácio Augusto.**



a segurança

aula-teatro 21
29 e 30 de maio
19h30 tucarena
[retirada de ingressos às 18h30]

Lançamento verve 31



NU-SOL
programa de estudos pós-graduados
em ciências sociais

e o ingovernável